

Entrevista ao professor Luiz Síveres: “O que dá sentido à Torre é a ressonância do Sino...”

Por: Ev'Ângela Batista Rodrigues de Barros¹

Pós-doutor em Educação e Psicologia (pela PUC SP), doutor em Desenvolvimento Sustentável (UnB), mestre em Educação (UCB). Licenciado em Filosofia (PUC PR), Especialista em Aprendizagem Cooperativa e Tecnologias Educacionais (UCB) e Especialista em Psicoterapia Junguiana (FASP). Foi Pró-Reitor de Extensão, de pesquisa e pós-graduação e atualmente é Docente / Pesquisador Permanente e Coordenador do Programa de Mestrado e Doutorado em Educação da Universidade Católica de Brasília. Líder do Grupo de Pesquisa no CNPq: Comunidade Escolar - Encontros e Diálogos Educativos, grupo vinculado à Linha de Pesquisa: Dinâmica Curricular. Ensino e aprendizagem, por meio dos projetos de pesquisa: Pedagogia da presença, proximidade e partida; Avaliação participativa na comunidade escolar: entre a regulação e a emancipação.

Humanista, defensor incansável do diálogo e da Extensão Universitária como caminhos / instrumentos para a aprendizagem, o professor Luiz Síveres concedeu a seguinte entrevista a **Conecte-se! Revista Interdisciplinar de Extensão**:

Conecte-se! - Uma crítica que se faz à universidade é o fato de, muitas vezes, isolar-se numa torre de marfim, desconectada da realidade em que se inscreve. Em 2006, o Sr. publicou um livro – Universidade: Torre ou Sino², em que diversas premissas básicas de uma educação humanística e focada na realidade dos sujeitos (portanto, uma perspectiva pedagógica crítica) são realçadas. Em outras obras, igualmente, destaca-se seu perfil de pesquisador atento à / da realidade, mas que não se afasta da essência humanista de sua atuação (como docente, gestor, pesquisador). Atualmente vemos recrudescer uma dicotomia entre o fazer humanista x o tecnicista, inclusive numa lógica em que se hierarquizam as ciências, como se algumas fossem mais relevantes ao desenvolvimento da sociedade do que outras. Como o Sr. avalia esse cenário?

¹ Professora do Departamento de Letras / ICH PUC Minas. Editora de Conecte-se! Titular da Coordenação de Publicações e Produção Acadêmica da Proex PUC Minas. E-mail: proexpublicacoes@pucminas.br.

² SÍVERES, Luiz. **Universidade: torre ou sino?** Brasília: Universa, 2006. 246 p

Luiz Síveres - O cenário atual, no contexto das universidades, revela uma tendência para as instrumentalidades tecnológicas, bem como uma certa priorização das ciências aplicadas. Retomando a analogia da torre e do sino, certamente a expressão da torre se evidencia, neste momento, porque os conhecimentos precisam responder às exigências imediatas da formação profissional, o desenvolvimento das tecnologias, que devem estar disponíveis, preferencialmente, para as demandas do mercado, e os saberes carecem responder aos princípios de uma modelagem governamental bastante liberal. Isso não significa, no entanto, que a dimensão do sino tenha desaparecido das sociedades, até porque a razão da torre é a ressonância do sino. Assim, é possível perceber, ainda, a sonoridade do sino por meio da arte, da poesia e da filosofia, é oportuno perceber o movimento do sino que não se deixa paralisar apenas pela intencionalidade de alguns grupos sociais, e é recomendado acolher a convocação oriunda da marcação do sino, no sentido de que o ser humano está sendo, constantemente, chamado a vivenciar a essência da condição humana, que é o exercício do seu sentido existencial. Assim, segundo a conclusão da minha obra, pode-se afirmar que “O que dá sentido à Torre é a ressonância do Sino, e o que dá um sentido ao Sino é a significância da Torre”.

Conecte-se! - Na obra mencionada – **Universidade: Torre ou Sino** –, no capítulo 2, o Sr. defende e respalda a tese da “relação com a sociedade como uma opção institucional da universidade”, isto é, como condição *sine qua non* do projeto de instituição superior socialmente demandada na contemporaneidade (como também o fez Boaventura Santos, em 2008)³. O alcance dessa relação, como uma diretriz de funcionamento, aponta para um investimento (não apenas financeiro) na Extensão. Considerando o lapso de tempo (2006 até o presente) e os distintos cenários político-econômicos compreendidos neste período, o Sr. vê avanços nesse sentido nas universidades brasileiras (públicas, particulares, comunitárias)?

Luiz Síveres - Desde a publicação do livro, muitas mudanças aconteceram, principalmente para aquilo que se refere à extensão universitária, compreendida como uma dinâmica institucional que se coloca numa relação com a sociedade. Naquele período houve uma certa sinergia na extensão universitária, apesar da especificidade de cada perfil institucional, seja na construção teórica, bem como no desenvolvimento de atividades conjuntas entre as instituições públicas, privadas e comunitárias. Mas tal procedimento, no entanto, foi sendo minimizado no decorrer do tempo. Outro

³ SANTOS, Boaventura de Sousa. **A universidade no século XXI: para uma universidade nova**. Coimbra, 2008. Disponível em < <http://www.boaventuradesousasantos.pt/media.>> Acesso em: 30 mar. 2019.

processo importante, que reflete diretamente na extensão universitária, foi o movimento de retração das universidades para as necessidades e exigências mais internas da instituição, principalmente a partir da crise econômica que afetou o país nos últimos anos. E um último aspecto que contribuiu com este encapsulamento acadêmico, foi a própria demanda dos estudantes, que cada vez mais estão exigindo processos formativos que os qualifiquem para o mercado de trabalho, descredenciando uma formação mais integral e interativa com a sociedade. A recomendação é que se estabeleça uma relação dialógica entre a torre e o sino, uma sinergia entre a formação humana e a capacitação profissional ou uma interação entre a identidade institucional e a finalidade acadêmica.

Conecte-se! - São três os pilares fundamentais que sustentam uma Universidade – Ensino, Pesquisa, Extensão. Tem havido grande incentivo e cobrança de aprofundamento nas ações de Extensão (inclusive como critério para avaliação institucional pelo MEC), porém, paradoxalmente, sem a correspondente contrapartida em termos de investimento financeiro. Tornando mais complexo esse quadro, notícias que emanam do Ministério da Educação, neste momento, apontam para um desinvestimento governamental também nas pesquisas (haja vista a redução ou extinção de bolsas de pesquisa para diversos cursos *stricto sensu*), em diversas áreas, com grande impacto em todas, sobretudo na área denominada Humanidades. Como o Sr. avalia esse cenário para a pesquisa brasileira?

Luiz Síveres - Nos últimos anos tenho me dedicado mais à investigação e esta tendência da diminuição dos recursos destinados à pesquisa, principalmente pelas agências de fomento vinculadas aos governos, transformou-se numa realidade concreta. As áreas mais próximas da dinâmica do mercado ainda têm recebido algum tipo de financiamento, mas aquelas mais envolvidas com a perspectiva humanista têm se ressentido da diminuição de recursos para a pesquisa. Isso revela, no entanto, um procedimento bastante primário, seja pela razão de restringir o processo formativo às exigências da profissionalização, seja pelo atendimento das demandas do mercado. Sabemos que o aspecto profissional é apenas um dos elementos, talvez preponderante neste momento da formação universitária, que por natureza deveria ser técnica e ética, mercantil e humanitária, prática e teórica, tendo em vista o pleno desenvolvimento do educando, a qualificação para o trabalho e o exercício da cidadania, princípios declarados na Constituição Federal.

Conecte-se! - Para assegurar sua perenidade, as universidades precisam investir, estrategicamente, em qualidade, inovação e sustentabilidade. De que forma a Extensão pode contribuir para o sucesso dessa meta institucional?

Luiz Síveres - As universidades, no seu percurso histórico, passaram por distintas identidades e por diversas finalidades. No contexto atual, porém, quando se espera, segundo Darcy Ribeiro, uma universidade mais semente do que fruto, torna-se relevante caracterizar as Instituições de Ensino Superior, por meio da extensão universitária, como uma possibilidade real para que possam contribuir com a inovação tecnológica e humanista, com a qualidade da formação e profissionalização, bem como, com a sustentabilidade econômica e ecológica. A maneira de caracterizar a extensão é, justamente, fazer dela uma categoria institucional e, com base na sua missão, poder contribuir com o desenvolvimento da região na qual está inserida e com o país, seja na sua abrangência nacional ou na sua relação internacional. Nesse sentido, a metáfora acima anunciada pode proporcionar a compreensão de que a universidade deveria estar sempre num estágio germinativo e jamais acabada. Essa seria, talvez, a característica da extensão universitária, isto é, afirmar que a universidade está sempre num processo de extensionalidade e, para isso, precisa estar revelando a sua identidade institucional e conectada com as distintas realidades sociais.

Conecte-se! - Em uma obra de 2013⁴, o Sr. preconiza “A extensão universitária como princípio de aprendizagem”. Considerando aquele momento, bem como o momento presente, de que modo a extensão universitária se mostra relevante à formação dos graduandos? Em sua opinião, essa relevância se faz mais presente em algumas áreas do que em outras?

Luiz Síveres - Na pesquisa realizada, naquela época, os dados revelaram, nitidamente, que o estudante que participava de projetos de extensão tinha uma compreensão mais ampla do seu percurso formativo, desenvolvia uma interação maior com a diversidade dos conhecimentos do seu curso e se posicionava, no exercício profissional, de maneira mais competente e mais ética. Apesar de as tendências das diversas áreas do conhecimento estarem mais voltadas para a inserção profissional, é necessário que o processo formativo universitário tenha consciência de que a formação dos graduandos precisa atender ao ser na sua integralidade, ao saber na sua complexidade

⁴ SÍVERES, Luiz (Org.). **A extensão universitária como princípio de aprendizagem**. Brasília: Liber Livro, 2013. 272 p.

e ao agir na sua intencionalidade. Esta proposta busca romper com uma extensão que seja compreendida, geralmente, como assistência social, quando na verdade, deveria ser um processo formativo e um espaço para ensaiar a futura profissão dos estudantes.

Conecte-se! - Na obra *Diálogo: um princípio pedagógico*⁵, de 2016, da qual é organizador, o Sr. defende o diálogo como um eixo que relaciona a tríade: a) a dimensão do ser inerentemente dialógico, que é o humano (como forma de autoconhecimento, de desenvolvimento de alteridade, de constituição identitária); b) o processo de aceder ao conhecimento, que se dá mediatizado pelo discurso; c) o agir docente – ou práxis – que dá uma dimensão ao fazer / refletir sobre a prática pedagógica / fazer novamente, com mais propriedade e racionalidade. O Sr. poderia falar um pouco sobre esse assunto?

Luiz Síveres - Nos últimos anos, tenho me dedicado ao diálogo, como objeto de pesquisa e como elemento desencadeador da produção do conhecimento. Há dois anos, tive a oportunidade de fazer um estágio no Instituto do Diálogo, na Universidade da Filadélfia – USA, ocasião em que me foi possibilitada a compreensão do diálogo por meio do pensamento (*Head*), do sentimento (*Heart*) e do comprometimento (*Hand*), isto é, o diálogo precisa passar, necessariamente, pelo intelecto, pela cordialidade e pela intencionalidade da ação. Além disso tenho desenvolvido a Pedagogia Alpha – presença, proximidade e partida, que tem como pressuposto o diálogo, compreendido como uma relação dialógica, um processo dialético e um procedimento pautado na dialogicidade. Neste sentido, o diálogo é um elemento instituidor da condição humana, está presente nas formas mais intensas para desenvolver o conhecimento por meio do diálogo entre os saberes, e é um elemento desencadeador da práxis, isto é, de uma ação que é decorrente de uma reflexão. Enfim, o diálogo é compreendido como uma relação dialógica (Ser), uma disposição do conhecimento (Saber) e uma intencionalidade da ação (Agir). Na medida em que esta dinâmica tridimensional estiver presente na educação, o processo pedagógico poderá estar pleno de significado e de sentido.

Conecte-se! - A escola básica, e nesse caso, em especial a pública, tem sido alvo de críticas ao quanto é ineficaz naquilo que se propõe como objetivo precípua – formar, nas crianças e jovens (compreendendo a faixa etária de zero a dezessete anos), competências básicas

⁵ SÍVERES, Luiz (Org.). *Diálogo* – Um princípio pedagógico. Brasília: Liber Livro, 2016. 192 p.

(fundantes) para a vida cidadã. Para essa ineficácia, concorrem muitos fatores, ou seja, pensar o aprimoramento da qualidade da educação é uma tarefa de grande complexidade. Em sua análise como educador, quais seriam os principais “gargalos” a serem enfrentados para transformar essa situação?

Luiz Síveres - Diante desta realidade, segundo a minha percepção, é possível identificar três problemas que afetam diretamente a educação básica. Em primeiro lugar, eu colocaria a relevância da dimensão humana no processo formativo, considerando que o exercício da docência se transformou, quase que unicamente, numa atividade profissional. O exercício profissional é importante, mas eu defendo a ideia de que o professor não é apenas um profissional, mas juntamente com os estudantes desempenha, também, uma missão pedagógica. A profissão e a missão são, como diria Adélia Prado, “dois braços do mesmo rio”. Um segundo aspecto é a própria dinâmica pedagógica, que em grande parte tem se reduzido a fazer discursos e não a estabelecer diálogos. É necessário, portanto transformar o discurso em diálogo e o processo monológico em dialógico. Um terceiro aspecto diz respeito às instrumentalidades metodológicas, que estão direcionadas muito mais para o entretenimento grupal do que para caracterizar-se como uma mediação para contribuir com o processo de ensino e aprendizagem. Por essas razões, é possível afirmar que a educação atual, principalmente a educação básica, precisaria articular o exercício da docência entre a profissão e a missão, fazer do procedimento pedagógico uma relação entre o diálogo e o dialógico, e estabelecer uma metodologia reflexiva e interativa.

Conecte-se! - **Para finalizarmos a entrevista, diante do atual cenário (histórico, político e econômico) do Brasil, o Sr. avalia que “Outro mundo é possível”⁶, como afirma em obra de 2011, que remete um pouco também à obra de Paulo Freire, “Pedagogia da Esperança”?**

Luiz Síveres - Com muita frequência, eu tenho me perguntado: como posso me manter nesta caminhada pelo “grande sertão”, para chegar em alguma “vereda”!? Com o objetivo de materializar a metáfora de Guimarães Rosa, no sentido de estar caminhando num grande sertão, mas sempre com a esperança de estar chegando a uma vereda, tenho me apropriado de dois símbolos: a bengala e o cajado. Isto é, estou realizando minha peregrinação existencial fazendo mais uso da bengala ou do cajado? A bengala revela a vivência do já vivido e o cajado a experiência daquilo que pode ser

⁶ OLIVEIRA, José Lisboa Moreira; SÍVERES, Luiz. **Há esperança: outro mundo é possível**. Alia Opera, 2011.

vivenciado; a bengala expressa a necessidade de sustentação e o cajado a oportunidade para abrir novos caminhos; a bengala aparece como sinônimo do envelhecimento e o cajado de inovação e criatividade. Embora outras analogias possam ser utilizadas, estas já explicitam a necessidade de se usar tanto a bengala como o cajado. Portanto, seja pela minha condição humana, seja pela minha profissão de fé, ou pelo meu comprometimento social, é necessário manter a esperança num mundo desesperançado e isso se torna mais relevante ainda, acreditar que um outro mundo é possível, apesar da tendência reativa a tudo que indica para a novidade, para o diferente ou para o surpreendente. Enfim, é nas pegadas que a história humana já trilhou (bengala) e nos novos passos que somos convocados a dar (cajado), que vamos peregrinando, segundo Freire, para o “inérito viável”, isto é, estamos caminhando para uma utopia que seja realizável por meio de uma esperança que seja esperançosa.

- **Mais informações sobre o Entrevistado** (Site: www.luizsiveres.com.br)

- Obras publicadas pelo prof. Luiz Síveres:

- A dimensão humana no processo educacional (2003).
- Universidade: torre ou sino? (2006).
- Encontros e diálogos. Pedagogia da presença, proximidade e partida (2015).

- Obras organizadas (individualmente ou em parceria):

- Avaliação da Educação Superior: Distintos Olhares (2007).
- Ensaio sobre a justiça social: Refazendo o caminho da vida e da paz (2009).
- Há esperança - Outro mundo é possível (2011).
- Transcendendo fronteiras (2011).
- Processos de aprendizagem na extensão universitária (2012).
- A extensão universitária como princípio de aprendizagem (2013).
- A formação psicossocial do professor - As representações sociais no contexto educacional (2015).
- Diálogo. Um princípio pedagógico (2016).
- Diálogo. Um processo educativo (2018).